

O TEMPO
PELA JANELA,
O TEMPO
PELA ESCRITURA*

JEANNE MARIE GAGNEBIN

[Professora titular da PUC-SP
e livre-docente da Unicamp]

* Para Carla e Graciela

No seu livro seminal de 1959, *Le livre à venir*,¹ Maurice Blanchot já notava que a definição do “temps retrouvé”, do “tempo redescoberto” como diz a tradução, discutível, brasileira, deixava em dúvida não só o leitor, mas também o narrador, talvez até o próprio autor. As oscilações sobre essa definição no último volume da *Busca do tempo perdido* são conhecidas: a lembrança involuntária nos introduziria a um espaço “fora do tempo”, portanto a um vislumbre da eternidade, mas, diz Proust uma página depois, essa experiência permitiria ao sujeito apreender “un peu de temps à l’état pur”,² [um pouco de tempo em estado puro]. O tempo em estado puro seria, então, o fora do tempo?

Sem pretender resolver essa contradição, gostaria de fazer primeiro uma observação prévia. Como é sabido, as páginas daquilo que se pode chamar de “teoria estética” em Proust, em particular no último volume,³ foram escritas logo depois das páginas iniciais de “Combray”, primeiro livro do primeiro volume *Du côté de chez Swann*.⁴ A primeira e as últimas experiências de memória involuntária (a

1. Maurice Blanchot. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959. Trad. bras. Leila P. Moisés, *O livro por vir*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

2. Marcel Proust. *A la recherche du temps perdu*, edição crítica dirigida por Jean Yves Tadié, Pléiade. Paris, 1987, 4 volumes. Essas citações do “Temps retrouvé” se encontram no vol. IV, p. 450 e 451.

3. *A la recherche...* Op. cit., vol. IV, p. 445-96.

4. Publicado no Brasil na tradução de Mário Quintana sob o título *No caminho de Swann* (Porto Alegre: Ed. Globo, nova edição 2006). O primeiro volume de Proust, publicado em 1913, se compõe de três livros: “Combray”, “Um amor de Swann” e “Nomes de terras: o nome”.

famosa *madeleine* e os acontecimentos semelhantes na frente do Hôtel de Guermantes e na sua biblioteca) se respondem e se correspondem, como o explicita Proust numa carta a Paul Souday, em 1919: “Le dernier chapitre du dernier volume a été écrit tout de suite après le premier chapitre du premier volume. Tout ‘l’entre-deux’ a été écrit ensuite”.⁵ Essa observação de crítica genética poderia levar à conclusão que Proust, se tivesse tido mais tempo, isto é, se não tivesse morrido cinco anos antes da publicação do último volume (em 1927), talvez tivesse reescrito muitas coisas novas nas margens desses trechos estéticos, às vezes platonizantes e perigosamente idealistas como o notou Walter Benjamin já em 1929.⁶

Sem querer, porém, prejudicar de correções hipotéticas, devemos lembrar, com Vincent Descombes, que “la philosophie à laquelle il est fait allusion dans le roman n’est pas la philosophie du roman une fois écrit”.⁷ Isto é, para compreender melhor o que é o tempo reencontrado e, igualmente, a alegria, a vontade de viver e de escrever o que sua experiência desencadeia, é melhor seguir os meandros da prática de escrita proustiana que acreditar piamente, como costumam fazer muitos leitores, em particular os filósofos, na teoria do autor sobre sua obra.

Vamos nos prevenir de mais uma reposta rápida demais para ser verdadeira. Com efeito, uma primeira leitura da *Busca do tempo perdido*, em particular do primeiro livro do primeiro volume, consagrado principalmente à evocação das férias em Combray

5. *A la recherche...* Op. cit., vol. IV, nota 1, p. 1056; essa nota da edição crítica se refere à página 445 do texto principal. “O último capítulo do último volume foi escrito logo depois do primeiro capítulo do primeiro volume. Tudo que há ‘entre ambos’ foi escrito depois”. (Trad. JM. G.).

6. Walter Benjamin. “Zum Bilde Prousts”, *Gesammelte Schriften* (GS), II-1, Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1977, p. 320. Benjamin fala dos “rudimentos de um idealismo persistente” em Proust.

7. Vincent Descombes. *Proust. Philosophie du roman*. Paris: Ed. Minuit, 1977, p. 47. “A filosofia à qual se alude no romance não é a filosofia do romance uma vez escrito.” (trad. JM. G.).

do herói quando criança, pode induzir à conclusão que o tempo reencontrado é o do passado, notadamente o da infância perdida. Resposta ingênua e saudosista, certamente tributária do nosso momento histórico de leitores, momento tão desprovido de projetos e de utopias concretas que nos tornamos, muito facilmente, mais rousseauistas que o próprio Rousseau, sedentos de inocência e de felicidades infantis, como se a única felicidade possível se situasse nesse paraíso necessariamente perdido, pois pertence ao passado, que a infância deveria representar. Ora, apesar de todos os encantos de Combray e da vida familiar, Proust semeia sua obra de advertências contra essa interpretação: o tempo do passado, em particular o da infância, não é, em si, mais verdadeiro e mais real.

Assinalo rapidamente alguns indícios dessa desconfiança proustiana. A famosa cena do beijo maternal não é a encenação de uma felicidade plena, mas a descrição angustiada, paradigmática e premonitória da fragilidade inerente ao sentimento de comunhão feliz, em particular amorosa. Quanto à lembrança reconquistada graças à experiência da *madeleine*, ela se refere certamente a um episódio situado na infância, a saber o gosto do bolo misturado ao do chá de tília que o herói criança degustava no domingo de manhã quando ia cumprimentar sua tia Léonie. Mas esse episódio, por si só, não é depositário de nenhuma felicidade secreta: o chá e o bolo são meio insossos, a tia é uma velha senhora histérica e carola. Da mesma maneira, as lembranças involuntárias descritas no último livro, no *Temps retrouvé*, aludem todas a experiências passadas cuja trivialidade é realçada: um passo em falso na praça de São Marcos (não a praça em si, o passo!), um som de ferramenta contra a roda de um trem, a sensação de uma toalha tão engomada que não consegue enxugar. Enfim, o próprio herói, quando busca a chave da felicidade perdida numa volta aos lugares originais da infância, quando volta, já adulto, a Combray, acha o lugar decepcionante, o riacho brilhante cinzento

e feio, e Gilberte, a menina ruiva pela qual tinha se apaixonado, é agora uma mulher madura, amigável mas sem charme algum.

Uma outra resposta à questão “o que é o tempo reencontrado?” consiste em dizer que se trata de um tempo essencial, além da experiência sensorial subjetiva e da vida mundana, um tempo espiritual que somente a criação artística consegue alcançar. Nesse sentido, a *Busca* é lida como uma renovação do gênero “romance de formação”. O herói deveria caminhar de desilusão em desilusão para compreender que a vida verdadeira não se encontra nem no amor (principal ilusão de Swann, *alter ego* do narrador), nem na vida social dos salões burgueses ou aristocráticos, nem nas alegrias trazidas pela fruição da beleza sensível, em particular da natureza. Somente a esfera espiritual mais alta da criação artística permitiria redimir o tempo perdido com tais futilidades e atingir uma temporalidade plena, a rigor mais próxima da eternidade que do tempo.

Essa interpretação é sedutora e parece condizer com certas afirmações do narrador que interpreta a história de sua “vocação”⁸ como um desfazer-se progressivo das ilusões sensíveis, amorosas e mundanas. Porém, mesmo nessa página célebre do “Tempo reencontrado”, o herói reconhece que, se é somente graças à obra de arte que poderá reencontrar o tempo perdido, também é somente dessa sua vida passada, de seus “prazeres frívolos”, sua “preguiça”, sua “ternura” e sua “dor”⁹ que a obra de arte pode tirar sua matéria e manifestar uma outra dimensão, mais profunda e verdadeira. Devemos, com efeito, cuidar para não fazer da *Busca do tempo perdido* uma ilustração a mais, refinada e comprida, de um velho sistema de dicotomias no qual a percepção sensível é desvalorizada em proveito de uma verdade exclusivamente espiritual.

8. “Ainsi toute ma vie jusqu’à ce jour aurait pu et n’aurait pas pu être résumée sous ce titre: une vocation” (*A la Recherche...* Op. cit., Vol. IV, p. 478).

9. Ibid.

Ora, como o ressalta Anne Simon, no seu belo livro *Proust ou le réel retrouvé*,¹⁰ essa leitura dicotômica da *Busca* repousa sobre a aceitação tácita de uma alternativa mortífera: de um lado, uma esfera do real rala, chata, decepcionante na sua factualidade bruta; do outro lado, a esfera do desejo, da imaginação, resplandecente e sedutora, mas que se desfaz em fumaça na primeira prova de sua realidade, justamente. Essa alternativa está presente em muitas páginas da *Busca do tempo perdido* e explica o ritmo regular das desilusões pelas quais tanto o “eu” quanto seu *alter ego*, Swann, devem passar. Segundo a leitura convincente de Anne Simon, uma das tarefas principais do itinerário existencial e espiritual do herói será a de ultrapassar essa oposição e seu séquito de dicotomias estéreis. Com efeito, a alternativa entre realidade – decepcionante – e desejo – irrealizável – leva à desvalorização conjunta não só da realidade e da imaginação, mas também da própria arte, reduzida ou à reprodução de um real inosso ou de um imaginário inexistente:

L’assimilation de la réalité close sur elle-même, dissociée des horizons qui nous faisaient rêver, dévalorise conjointement, par un cercle vicieux, et l’imagination, en proie à un défaut d’être, et le réel, en proie à un défaut de profondeur.

Il importe de relever que c’est ce type d’appréhension de la réalité qui jette un discrédit sur l’art, que le héros mettra des années à dépasser.¹¹

10. *Proust ou o real reencontrado*. Paris: PUF, 2000. Anne Simon criticará a interpretação de Deleuze (em *Proust e os signos*) como induzindo facilmente a essa interpretação espiritualista, mas não tenho tempo aqui de estudar esse aspecto do seu livro.

11. *Ibid.*, p. 2-3: “A assimilação da realidade a uma existência fechada sobre si mesma, dissociada dos horizontes que nos faziam sonhar, desvaloriza conjuntamente, por um círculo vicioso, e o imaginário entregue a uma falta de ser, e o real, entregue a uma falta de profundidade. / Importa observar que é esse tipo de apreensão da realidade que também desacredita a arte, que o herói demorará anos a ultrapassar.” (trad. JM. G.).

Segundo essa leitura (orientada pela fenomenologia de Merleau-Ponty¹²), a *Busca do tempo perdido* não retrata uma errância pelas ilusões sensíveis e sentimentais que culminaria na descoberta das únicas verdades estáveis, as verdades artísticas. Retrataria muito mais um itinerário estético mais genuíno, no duplo sentido do termo “estético”: referente à percepção sensível, à sensação, e referente à elaboração artística. Assim, a vocação artística do “eu” só poderá se firmar quando ele tiver compreendido que não existe uma separação estanque entre o território dos objetos e dos fatos, nos quais esconder-se-ia uma essência inacessível ao sujeito,¹³ e o domínio das esperanças e dos sonhos subjetivos, que acabaria por se revelar uma fantasmagoria inoperante.

Proust procuraria então, sempre segundo Anne Simon, por uma reelaboração da noção de real e, ao mesmo tempo, da noção de atividade subjetiva, em particular artística. Tentaria ir além da alternativa paralisante entre os desejos subjetivos como pura projeção ilusória e a realidade como mera factualidade objetiva. Ambas as noções devem ser criticadas porque criticar o real decepcionante em nome de um imaginário tão esplendoroso quanto ilusório só faz cavar mais ainda o pretense abismo que os separa, e leva a uma inação queixosa. Em um comentário clássico, Gaëtan Picon já tinha observado essa via de duas mãos da crítica proustiana: não é só a duquesa de Guermantes “real” que decepciona, mas é também sua imagem sonhada que é denunciada como mistificação.¹⁴

12. Sobre Merleau-Ponty e Proust, ver, igualmente, de Mauro Carbone, *La visibilité de l'invisible*, Olms, 2001.

13. Anne Simon. Op. cit. p. 17.

14. “D’une part le réel est décevant, irrespirable – et respirable seul le monde de l’esprit: imagination, mémoire. D’autre part le monde mental est falsification et appauvrissement du réel, dont la vérité est convoitée. Car si la réalité est souvent décevante, c’est aussi parce que l’imagination a été mystificatrice: l’audition de la Berma, la découverte de Venise, la rencontre d’Oriane de Guermantes, ces expériences sont-elles une critique du réel ou une critique de l’imagination?”. Gaëtan Picon. *Lecture de Marcel Proust*. Gallimard, 1968, p. 109, citado por Anne Simon. Op. cit., p. 135.

Poderíamos igualmente dizê-lo da seguinte maneira: em vez de perseverar na separação entre os territórios do real e do imaginário, dever-se-ia pensar em um outro tipo de relação entre o eu e o mundo. Com efeito, este se dá ao sujeito não como um mero amontoado de fatos – aquilo que uma concepção positivista de ciência nos acostumou a chamar de “realidade objetiva” –, mas como alteridade sedutora e opaca, como resistência e promessa. Em outros termos, “real” só pode ser chamada a relação entre sujeito e mundo, relação entretecida de sensações, expectativas, desejos subjetivos e, igualmente, de intervenções de “fora”, nem previstas nem controláveis pelo sujeito. Em vez de esvaziar o mundo (reduzido a uma objetividade exterior) e também o sujeito (reduzido a uma consciência infeliz e sem eficácia), é a densidade da relação entre eles, sujeito e mundo, mundo e sujeito, que deve ser repensada.

Não se pode, então, abdicar das crenças e dos sonhos subjetivos, porque são eles que tecem uma relação de vida e de intensidade do sujeito ao mundo; sem esperança, sem horizonte, sem projeção desejante, não consigo construir uma verdadeira relação ao outro, mundo ou pessoa, mas o reduzo a um espaço de indiferença cinzenta. Mas também não se pode ignorar, numa onipotência infantil e teimosa, que o outro, justamente por ser outro, não se dobra docilmente a minhas intenções, mas que ele me escapa, me surpreende, me encanta e me machuca. Nessa linha de interpretação, a busca proustiana lembraria, *mutatis mutandis*, tanto a reflexão freudiana quanto o pensamento nietzschiano.¹⁵ Trata-se sempre de ultrapassar os sonhos de onipotência narcísica infantil ou, em Nietzsche, as

15. Cf. Anne Simon. Op. cit, p. 133: “La rupture du lien qui depuis l'enfance s'établissait entre les 'croyances' (désir, crainte, projections vers l'avenir, rêves, mythes) et la sensation (au sens physiologique de réception d'un certain nombre de stimuli) induisent moins à une appréhension plus objective du monde qu'un désengagement qui passe à côté de notre implication incontournable dans le réel.”

ilusões antropocêntricas da metafísica e da religião, para construir uma relação mais verdadeira com a alteridade, além da resignação cínica e além do niilismo, uma relação de criação e de transformação simultaneamente alegre e ciente dos seus limites.

Na esteira dessas sugestões que oferece o livro de Anne Simon, poderíamos talvez afirmar que se o primeiro livro do *Caminho de Swann*, “Combray”, consiste, em boa parte, numa celebração das *fantasias* felizes da infância, o segundo, o famoso “Um amor de Swann”, retrata o caminho da *desilusão* adulta que não consegue ir além do cinismo e da resignação e cuja conclusão consiste nessa “mufflerie”, nessa “grosseria” à qual Swann se entrega quando se livra, finalmente, do seu amor doentio por Odette, grosseria que, segundo o narrador, “rebaixava o nível de seu (de Swann) caráter moral”.¹⁶

Nem a fantasia infantil, nem a grosseria da vida adulta: qual poderia ser a terceira atitude realmente verdadeira, isto é, criadora e transformadora, do sujeito em relação ao mundo? *Em busca do tempo perdido* procura pela verdadeira relação ao real que também é, inseparavelmente, uma verdadeira relação ao tempo: nem cronologia monótona de um cotidiano embotado nem atemporalidade complacente de um desejo solipsista.

O terceiro livro do primeiro volume, “Nomes de terras: o nome” (“Noms de pays: le nom”), menos conhecido que os dois primeiros (“Combray” e “Um amor de Swann”), se ressentia dos cortes do texto aos quais Proust teve de se submeter para satisfazer as

16. *A la recherche...* Op. cit. vol I. p. 375: “Et avec cette mufflerie intermittente qui réapparaisait chez lui dès qu’il n’était plus malheureux et qui baissait du même coup le niveau de sa moralité, il s’écria en lui-même: ‘Dire que j’ai gâché des années de ma vie, que j’ai voulu mourir, que j’ai eu mon plus grand amour, pour une femme qui ne me plaisait pas, qui n’était pas mon genre.’ ” *Em busca do tempo perdido, No caminho de Swann.* Op. cit. p. 455: “E com essa intermitente grosseria que lhe voltava logo que ele não mais sofria e que rebaixava o nível de seu caráter moral, exclamou consigo mesmo: ‘E dizer que eu estraguei anos de minha vida, que desejei a morte, que tive o meu maior amor por uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo.’ ”

exigências do seu primeiro editor, Bernard Grasset, que se recusava a publicar um volume de umas oitocentas páginas.¹⁷ O texto dito definitivo se compõe de três partes de tamanhos diferentes: uma evocação sonhadora sobre os nomes de lugares, países e cidades, que o “eu” gostaria de conhecer por viagens que não chegam a se realizar; a evocação dos jogos com Gilberte, filha de Swann e de Odette, no jardim dos Champs Elysées, a descrição do amor do herói por ela e das reações da menina, misto de amizade e de indiferença; enfim, uma parte mais curta, consagrada à descrição do Bois de Boulogne, primeiro como cenário dos passeios galantes de Madame Swann, isto é, como espaço mítico da elegância e da sedução femininas para o jovem narrador adolescente; e, depois, nas últimas páginas do livro que também concluem o primeiro volume, uma nova descrição do Bois, não mais na temporalidade mítica do passado, das emoções adolescentes e da eclosão do desejo, mas no agora, *cette année* [este ano],¹⁸ isto é, no presente indeterminado da escritura e da narração, presente abruptamente introduzido na continuidade temporal da narrativa.

Se as duas primeiras partes do livro são um hino ao desejo do desconhecido, sob a forma da viagem e do amor, como também o reconhecimento de seu não-cumprimento (o herói não sai em viagem, Gilberte não o ama), a terceira parte condensa essa discrepância entre sonho e realidade; discrepância desdobrada pela oposição entre o tempo da narrativa, tempo contado, tempo das lembranças da juventude, e o tempo da narração, tempo do contar, tempo da idade madura.¹⁹ Ora, como vários teóricos, em particular Paul Ricoeur²⁰

17. Ver a “notice” da edição crítica. *A la recherche...* Op. cit. vol. I, p. 1249-50.

18. *A la recherche...* Op. cit. vol. I, p. 414 e em *No caminho de Swann*. Op. cit., p. 501.

19. Aludo à diferença estabelecida por Günther Müller entre o tempo contado, a “*erzählte Zeit*” e o tempo do contar, “*Erzählzeit*”, no seu livro *Morphologische Poetik* (Tübingen, 1968), citado por Paul Ricoeur em *Temps et récit*.

20. Paul Ricoeur. *Temps et récit*, em particular o volume II, *la configuration dans le récit de fiction*. Paris: Ed. Seuil, 1984, capítulos 3 e 4.

o ressaltam, é a relação entre esses dois tempos que caracteriza a experiência temporal específica da literatura de ficção, isto é, a experiência temporal que somente a obra literária permite instituir. As figuras dessa relação são conhecidas: condensação, dilatação, antecipação, *flash-back* etc. Todas elas perseguem um alvo muito mais essencial que uma simples encenação retórica; trata-se, como diz o filósofo francês, de “arracher par le récit le temps raconté à l’indifférence”²¹ ou, poderíamos também dizer, de salvar, pela graça da obra artística, a realidade do tempo humano de sua insuficiência primeira, aquela que nos ata à finitude e à morte e, mais trivialmente, à monotonia e à lassidão.

Esses “jogos com o tempo” (segundo a expressão de Ricoeur) são bem conhecidos na obra de Marcel Proust. São também jogos com as duas figuras de sujeito que podem ser diferenciadas na *Busca do tempo perdido*: o herói, aquele “eu” incerto que nem sabe se dorme ou se está acordado, que conta suas aventuras e suas decepções, e o narrador, aquele outro “eu” que já sabe de coisas futuras, aquele que antecipa, mas que também lembra, que vai deduzir da experiência da memória involuntária tanto os motivos quanto as leis da obra a realizar, o narrador que se transformará, no fim, em escritor. O herói se manifesta no tempo narrado, o narrador no da narração, mas esses dois tempos em Proust somente são distinguíveis em teoria, porque, na prática da escrita proustiana, eles se entremesclam, se confundem e nos confundem, confundem o leitor que não sabe mais, muitas vezes, quem fala, quando e de onde esse “eu” incansável toma a palavra.

Ora, enquanto na conclusão do “Tempo reencontrado”, tempo da narrativa e tempo da narração, herói e narrador conseguem se reunir e se fortalecer mutuamente numa coincidência feliz,

21. Ibid, p. 118: “arrancar pela narração o tempo contado à indiferença” (trad. JM. G.).

propiciada pela experiência da memória involuntária e por sua explicitação teórica e estética, na conclusão do primeiro volume, na evocação do Bois de Boulogne, temos o ápice de sua separação dolorosa: separação entre o “eu” da juventude e o “eu” da maturidade, entre a idade do desejo (em particular do desejo sexual que Odette de Crécy, aliás, Madame Swann encarna em seus passeios galantes) e a idade da desilusão e da falta de desejo (em particular sexual): as mulheres de hoje são indiferentes para o narrador, são “quelconques”, [quaisquer]²² ou, dito de outra maneira: “je suis sans doute déjà trop vieux – mais je ne suis pas fait pour un monde où les femmes s’entravent dans des robes qui ne sont même pas en étoffe”.²³

A essa descrição de mulheres banais e de vestidos que parecem feitos de papel de parede corresponde a descrição desencantada do Bois, que não é mais um lugar mítico e feminino, mas um simples bosque reduzido a uma natureza tautológica, isto é, sem outra significação que si mesma:

Le soleil s’était caché. La nature recommençait à régner sur le bois d’où s’était envolée l’idée qu’il était le jardin elyséen de la Femme; au-dessus du moulin factice le vrai ciel était gris; le vent ridait le Grand Lac de petites vaguelettes, comme un lac; de gros oiseaux parcouraient rapidement le Bois, comme un bois (...)²⁴

22. *A la recherche...* Op. cit, vol I, p. 417. *No caminho de Swann*. Op. cit, p. 505.

23. *A la recherche...*, ibid. p. 418. *No caminho de Swann*, ibid, p. 505; “De certo já estou muito (por demais) velho – mas não fui feito para um mundo onde as mulheres se entravam em vestidos que nem sequer são de fazenda.”

24. *A la recherche...* Op. cit, vol. I, p. 419. *No caminho de Swann*. Op. cit, p. 507: “O sol se havia posto (ocultado). A natureza começava a reinar sobre o Bois, de onde se alara a idéia de que era o Jardim Elísio da Mulher; acima do moinho falso, o verdadeiro céu era cinzento, o vento enrugava o Grande Lago em pequenas vagas, como um lago; grandes pássaros cruzavam rapidamente o Bosque, como a um bosque...”

No fim desse primeiro volume, tanto o herói quanto o narrador parecem repetir o gesto de desilusão e de sarcasmo que Swann esboçava na conclusão de “Um amor de Swann”. Essa constatação de realismo resignado significa não só uma decepção em relação à vida e à própria existência, mas, de maneira mais grave, uma desilusão em relação à arte e à literatura. Se a literatura for reduzida à descrição fiel e precisa de um real sem graça e de uma natureza sem alma; então, mesmo o talento dos irmãos Goncourt – que Proust imita num famoso pastiche no último volume da *Busca* – não será capaz de resgatá-la. Assim o descobre Bergotte, figura titular do escritor na *Busca*, quando, agonizando na frente do belo quadro de Vermeer, contempla a “preciosa matéria de um pedacinho muito pequeno de muro amarelo”;²⁵ entende, então, que a arte só consegue dizer verdadeiramente o real quando desvenda suas várias camadas sucessivas de espessura e de sentido, como no artesanato oriental da laqueação. Isto é, quando a superficialidade do real se revela sendo tão verdadeira como a profundidade, e isso não porque haveria algo “escondido” por trás ou por baixo da aparência, mas porque se consegue apreender o próprio movimento do aparecer, o aparecer no seu advir.²⁶

Ora, na descrição desencantada do Bois de Boulogne, do bosque “como bosque”, do lago “como lago”, é esse movimento oculto do real que foi perdido, deixando lugar à mera aparência de uma realidade achatada, pura superfície factual. Tal achatamento é evocado em termos ao mesmo tempo psíquicos, sexuais e religiosos, numa longa frase que merece ser citada em toda sua extensão:

25. A descrição da morte de Bergotte no museu se encontra no terceiro volume da *Busca*, *A la recherche...* Op. cit. vol III, p. 692.

26. Sobre essa dimensão de profundidade, ver Anne Simon. Op. cit., p. 169 e seguintes.

Mais quand disparaît une croyance, il lui survit – et de plus en plus vivace pour masquer le manque de la puissance que nous avons perdue de donner de la réalité aux choses nouvelles – un attachement fétichiste aux anciennes qu'elle avait animées, comme si c'était en elles et non en nous que le divin résidait et si notre incrédulité actuelle avait une cause contingente, la mort des Dieux.²⁷

Percebe-se aqui, com nitidez, pela voz desse narrador quase nietzschiano que reflete sobre os impasses da própria narração, que o caminho da criação literária não consiste em abolir as “croyances” [as crenças], sem as quais o sujeito abandonado num mundo desencantado oscila entre a lucidez cínica e o fetichismo da saudade. No plano da temporalidade, tal perda se traduz numa clausura do sujeito no seu presente e na sua aderência fetichista, diz Proust, aos objetos do seu desejo no passado. Contra esse “ceticismo desencantado”,²⁸ que não representa a posição final nem do narrador da *Busca* nem do escritor Marcel Proust, há uma reabilitação nítida da idéia de crença e mesmo de “fé”,²⁹ mas agora não mais no sentido da ilusão infantil ou do engodo metafísico-religioso. Trata-se muito mais de uma afirmação de abertura temporal sobre as dimensões do novo e do futuro, sobre uma dimensão do porvir inerente ao mundo e ao sujeito.

27. *A la recherche...* Op. cit, vol. I, p. 417. *No caminho de Swann*. Op. cit., p. 505: “Mas quando uma crença desaparece, sobrevive-lhe – e cada vez mais vivo para mascarar a perda de nosso poder (de nossa potência) de dar realidade às coisas novas – um apego fetichista às coisas antigas que ela animara, como se fosse nelas e não em nós que reside o divino e como se a incredulidade atual tivesse uma causa contingente, a morte dos Deuses.”

28. Expressão de Proust a respeito dessa conclusão numa carta a Jacques Rivière de 6 de fevereiro de 1914, na qual diz que essa não é sua posição definitiva. Ver nota na edição crítica, *A la recherche...* Op. cit. vol. I, p. 1.281.

29. Ver nessa mesma conclusão, *A la recherche...* Op. cit. vol. I. p. 417: “C'étaient des femmes quelconques en l'élégance desquelles je n'avais aucune foi”.

Quando essa abertura se fecha, essa *potência*, escreve Proust, então o indivíduo se torna não lúcido, mas resignado e velho, mesmo quando jovem. Assim também o herói da *Busca* parece ser mais desiludido e velho no início do último livro, quando relata seus passeios decepcionantes por Combray, aliás Tansonville, que bem mais tarde, no fim do “Tempo reencontrado”, quando ele, ancião já perto da morte, resolve com alegria escrever a obra pela qual sempre esperou e que esperou por ele.

Ora, e é assim que chego à conclusão desta palestra já bastante longa, essa dimensão de abertura é figurada numerosas vezes no texto por um fenômeno temporal, agora no sentido literal da palavra “tempo”, o tempo que faz lá fora e que ritma (ou, pelo menos, ritmava) as atividades humanas. Essa intrusão do tempo meteorológico é o apelo de uma temporalidade de fora que vem perturbar a clausura do “eu”, encerrado em seu quarto, suas leituras, seus sonhos, e também em sua mesmice; é a intrusão de um raio de sol, filtrado pelas persianas e cortinas fechadas, que penetra no retiro do “eu”, o perturba talvez, mas também evoca a renovação da felicidade. Assim, no início dessa última passagem do primeiro volume, consagrada ao passeio decepcionante pelo Bois de Boulogne, era um raio de sol e seu “sorriso” que motivaram o herói a sair:

Et ce matin-là, n’entendant plus la pluie tomber comme les jours précédents, voyant le beau temps sourire au coin des rideaux fermés comme aux coins d’une bouche close qui laisse échapper le secret de son bonheur, j’avais senti (...), j’étais sorti (...).³⁰

30. *A la recherche...* Op. cit. vol. I, p. 414. *No caminho de Swann.* Op. cit., p. 501: “E naquela manhã, já não ouvindo a chuva cair como nos dias anteriores, vendo sorrir o bom tempo nos cantos das cortinas descidas como nas comissuras de uma boca fechada que deixa escapar o segredo de sua felicidade, eu sentira (...), saíra eu (...)”.

Toda *Busca do tempo perdido* é ritmada por essas “saídas” que obedecem a um impulso, a um apelo vindo de fora: raio de luz ou de sol,³¹ vento na lareira (na mesma passagem), ruídos de fora que mudam segundo o tempo que faz (início da “Prisioneira”). O herói sai do seu retiro, muitas vezes é decepcionado, algumas vezes, porém, é pego de surpresa por algo que lhe escapa, que está fora do seu controle e da previsibilidade do seu cansaço, algo que lhe lembra, com dor ou com alegria, a intensidade da vida: um passo em falso, o som de uma colher no copo, a luz do sol nos telhados depois da chuva, uma frase musical intimamente sabida e esquecida. Então se reencontra algo que tinha sido perdido sem mesmo perceber: não é um tempo esotérico, solene ou majestoso, mas a intensidade efêmera de um momento esquecido do passado que, pela súbita junção com a temporalidade da sensação presente, adquire uma vida nova da qual não se suspeitava. O presente adquire uma profundidade repentina, como se ele ecoasse um apelo que vem de longe, de um instante soterrado no passado e que, de repente, passa a ter um futuro possível. Ou ainda: o presente não é somente ponto de inflexão indiferente entre o antes e o depois; e o passado não é simplesmente algo encerrado e morto. Em seu encontro recíproco, ambos, passado e presente, assumem uma intensidade sensível que lhes outorga novamente aquilo que parecia perdido: a abertura sobre uma dimensão desconhecida, a abertura sobre o possível, abertura tênue e incerta, mas real, e que a escrita proustiana tem por tarefa desenhar.

Como muitos de vocês o sabem, essas reflexões estéticas de Proust foram decisivas para a filosofia de Walter Benjamin, em particular para sua filosofia da história. Por isso deixo a Benjamin a

31. Cito algumas ocorrências exemplares somente no primeiro volume: p. 82-83, p. 184, p. 397, p. 414. A esse respeito, ver Anne Simon. Op. cit., p. 170-92.

última palavra sobre esse tempo entrecruzado, perdido e reencontrado que a Busca proustiana configura:

É verdade que sobrevivem em Proust alguns rudimentos de idealismo. Porém não são eles que determinam a significação dessa obra. A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao decorrer do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta com clareza no lembrar (internamente) e no envelhecer (externamente). Compreender a interação do envelhecer e do lembrar significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo do entrecruzamento.³²

Campinas, janeiro de 2007.

32. Walter Benjamin. "A imagem de Proust". In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, tradução (de P. S. Rouanet) modificada, p. 45. GS II-1, Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1977, p. 45.